

Abstract^o

This article intends to explain some basecal points about Literature and Authoritarim in East Germany. The German Literature, during the Socialism System, Kept the silence, the violence and the socialism as its main character. So, it is necessary study some topics of History of this literature.

Christa Wolf is an author who tries a different kind of written: the silence written.

Pensar Literatura sem pensar História implica correr o risco de não compreender claramente aquela, pois a Literatura é um reflexo da realidade social em que está inserida; sendo assim, pensar em Literatura Alemã durante o regime socialista na Alemanha Oriental, sem considerar os antecedentes históricos e concomitantes à RDA (República Democrática Alemã) é fechar os olhos às verdadeiras intenções dos autores nela inseridas, já que a intenção destes em, sua maioria, foi uma profunda crítica social.

Por pensar dessa forma, começa-se este artigo falando sobre o Nazismo e a Segunda Guerra Mundial, depois sobre o Socialismo e, por último, sobre a divisão da Alemanha, momento em que muitos autores alemães optam pela Alemanha Oriental e se engajam na luta por defender o Socialismo.

Nazismo e a Segunda Guerra Mundial

O nazismo foi um movimento que se desenvolveu na Alemanha nas décadas de 1920 e 1930. O caos na vida econômica e social do país,

logo após a Primeira Guerra Mundial, pode ser apontado como causa direta da ascensão nazista.

Após a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), os países vencedores organizaram a Conferência de Paz de Paris com o objetivo de reorganizar a ordem internacional. O presidente dos EUA, Woodrow Wilson, defendia uma posição conciliatória, com um acordo que estabelecesse culpados. No entanto, foi assinado o Tratado de Versalhes (1919), que impunha pesadas sanções à Alemanha, por considerá-la a principal responsável pela guerra. Ela deveria, por exemplo, pagar aos vencedores uma pesada indenização, correspondente a 32 bilhões de dólares. Além disso, as medidas visavam a diminuir os riscos de novos ataques alemães a outros países europeus. Longe de resolver os problemas que a Primeira Guerra Mundial gerou, o Tratado de Versalhes preparou o terreno para um novo conflito por não equilibrar as relações de poder no cenário internacional.

Foi nessa Alemanha arrasada pela guerra e sem possibilidades de desenvolver sua economia que o nazismo nasceu e se fortaleceu. O “Partido NAZI” como era chamado, defendia o nacionalismo e o pangermanismo. Seu manifesto pregava a união de todos os povos de língua germânica em um único país, formando a “Grande Alemanha” – Terceiro Reich (o termo Reich designa Império Alemão, isto é, a totalidade unida dos Estados Alemães). A sua construção, no entanto, em uma Europa recém-desenhada pelo Tratado de Versalhes só seria possível com a aplicação da força. Por isso, o Partido Nazista incentivava o expansionismo, com a dominação e a anexação de novos territórios à Alemanha.

Essa “Grande Alemanha”, porém, não era para todos. Os nazistas acreditavam que dentre os grupos étnicos que participaram da formação do povo alemão, os arianos eram os mais importantes; por isso, deveriam comandar todos os outros. Essa teoria levou os nazistas a discriminar outros povos,

^o Este trabalho faz parte das atividades do Projeto de Pesquisa “Sob o jugo do autoritarismo. A repressão como tema da literatura na RDA”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Rosani Umbach, e foi apresentado no I Encontro Tempos de Repressão, promovido pelo Grupo de Pesquisa Literatura e Autoritarismo, apoiado pelo CNPq.

Acadêmicos do 3º semestre do curso de Letras; bolsista PIBIC/FAPERGS; bolsista CELS/UFSM e acadêmica do 5º semestre do curso de Letras, respectivamente.

como os judeus (anti-semitismo), os ciganos e os escravos.

Os nazistas conseguiram chegar ao poder graças à organização e à eficiente propaganda, aliadas ao carisma e à capacidade retórica de Hitler.

Além da propaganda, o partido nazista usava outros meios no convencimento da população, tais como: rádio, cinema e a escola. Crianças e adolescentes recebiam uma educação que criava em cada um a obediência cega aos postulados da ideologia nazista. No tocante ao sexo feminino, Hitler determinava que a finalidade da educação feminina deveria ser irrevogavelmente a maternidade.

Aos poucos, o governo nazista assumiu o controle de toda a vida do cidadão, determinando desde as atividades políticas e financeiras até a educação, o casamento e o lazer.

Em 1934, com a morte do presidente Hindenberg, Hitler passou a ocupar o cargo de presidente. À medida que os nazistas se fortaleceram no poder, colocaram em prática sua política expansionista, desobedecendo às decisões do Tratado de Versalhes. Apesar das freqüentes violações ao Tratado de Versalhes, as potências ocidentais, como a França e a Inglaterra, nada fizeram para impedir o expansionismo alemão. Porém, quando Hitler invadiu a Polônia, a Inglaterra e a França puderam ter certeza de que o expansionismo alemão visava também à Europa Ocidental e viram-se obrigadas a reagir. Em 3 de setembro de 1939, os dois países declararam guerra à Alemanha.

A Segunda Guerra Mundial expandiu o terror nazista por quase toda a Europa. Seis milhões de judeus pereceram nos campos de concentração e de extermínio, vítimas dos trabalhos forçados, da subalimentação, de experiências médicas cruéis, ou, ainda, de fuzilamento e envenenamento em câmaras de gás.

É importante lembrar que os judeus não foram os únicos perseguidos: ciganos, escravos, deficientes mentais e físicos, homossexuais e dissidentes políticos, principalmente comunistas, também tiveram o mesmo fim.

Em 1945, com a derrota da Alemanha na Segunda Guerra, Hitler suicidou-se.

A duração da Segunda Guerra Mundial na Europa foi de mais ou menos 6 anos (1939 – 1945). Foram 54 milhões de mortos e, uns 40 milhões de feridos e mutilados.

Quando a Segunda Guerra Mundial chegou ao fim, uma verdadeira obsessão tomou conta do mundo: encontrar um mecanismo que garantisse a

convivência pacífica entre os diferentes povos. O genocídio promovido pelos nazistas sensibilizou a todos. Aos poucos, veio a público o testemunho de judeus, escravos, ciganos e homossexuais que viveram as atrocidades dos campos de concentração e de extermínio, revelando toda a intolerância, autoritarismo e falta de respeito do nazismo pela vida humana.

A Alemanha então foi ocupada pelos aliados, ficando o Leste para a União Soviética e o Oeste para os Estados Unidos, França e Inglaterra. A União Soviética, sendo socialista, adotou este sistema de governo no Leste.

Socialismo

O Socialismo surgiu no século XIX como uma ideologia que propunha a reforma da sociedade com o fim de beneficiar as classes pobres, os marginalizados, ou seja, o proletariado; essa foi uma tentativa de resolver os problemas criados pelo Capitalismo. O Socialismo teve duas correntes principais: o Socialismo Utópico e o Socialismo Científico.

O Socialismo Utópico propôs uma sociedade ideal, sem classes, sem exploradores, nem explorados. Porém, os teóricos do Socialismo Utópico não apresentavam os meios pelos quais se chegaria a essa sociedade. A afirmação de não haver mais exploradores e explorados se justificava pela premissa de que a natureza do homem era boa, mas pervertida pelo Capitalismo, podendo assim o homem aderir ao sistema pela partilha de bens dos mais ricos aos mais pobres.

O Socialismo Científico propunha, por sua vez, uma sociedade igualitária através de análises da situação econômica, da evolução histórica e da evolução do Capitalismo, formulando assim leis e princípios que determinassem o percurso em direção ao Socialismo. Marx e Engels consideravam que o Socialismo se constituiria através das lutas de classes e da evolução histórica. Para eles, a massa de trabalhadores possuiria os meios de produção e assumiria os poderes políticos e econômicos.

Divisão da Alemanha

Como já foi mencionado anteriormente, com o fim da segunda Guerra Mundial, a Alemanha foi ocupada pelos aliados. Ela estava em ruínas, milhares de pessoas se encontravam nas ruas e estradas, sem casa, sem comida, inúmeras à procura de familiares e parentes que haviam perdido durante a fuga. Os aliados instalaram governos militares em suas respectivas zonas de ocupação. A Alemanha teve seu governo substituído pela suprema autoridade do Conselho Aliado de Controle. As

nações aliadas, representadas na Comissão Consultativa Européia, concordaram que a área da "Grande Berlim" tivesse regime especial de ocupação. Mesmo sendo parte integrante da zona soviética de ocupação, ela seria dividida em setores correspondentes a cada uma das nações ocupantes e atribuídos à jurisdição de cada uma delas, sendo a autoridade governamental exercida, nos problemas comuns, por um órgão quadripartite integrado pelos representantes das referidas nações.

Necessário era eliminar as causas julgadas responsáveis pelo espírito totalitário e agressivo da Alemanha, a começar pelo prussianismo em torno do qual se realizara a unificação do país. Preparou-se, então, um programa de caráter ao mesmo tempo educacional e punitivo para a destruição da mística nacional-socialista em que assentava a expressão política do Terceiro Reich. A ampla e complexa tarefa a empreender comportava, de um lado, a reabilitação econômica, e do outro, paralelamente, a conversão do país à democracia. Em favor da democracia o trabalho se desenvolveu em três sentidos principais: a desmilitarização, a desnazificação e a democratização. O Estado da Prússia foi extinto, seu antigo território mutilado e dividido. Várias províncias foram anexadas à Polônia e à União Soviética. Outras foram divididas entre as zonas de ocupação, sobretudo a soviética e a inglesa.

Havia, como se sabe, interesses políticos e ideológicos em jogo. Cedo tornou-se claro que o programa inicial não estava saindo do papel e cada país ocupante, soberano na respectiva zona de ocupação, adquiria, implicitamente, a liberdade de ação nas medidas que se tornavam urgentes.

Enquanto os países capitalistas se preocupavam mais em reconstruir a Alemanha e reerguê-la economicamente, a União Soviética se preocupava em instalar o Socialismo como forma de governo e em transferir as propriedades dos "junkers", dos fascistas e dos criminosos de guerra para as mãos dos camponeses. Os créditos, as instituições bancárias, assim como as empresas privadas dos antigos fascistas ativos e militaristas, tornaram-se propriedade do povo.

Em 1949 a RDA e a RFA (República Federal Alemã) se tornaram estados independentes. Começou aí a fase das Alemanhas, que durou quarenta anos, cada uma representando uma ideologia e forma de mercado diferentes; a do Ocidente, seguindo o Capitalismo; a do Oriente, o Socialismo. No começo, na guerra fria, a coexistência dos dois estados alemães não foi nada pacífica. Para impedir a crescente fuga dos habitantes da parte oriental para a ocidental,

construiu-se, em treze de agosto de 1961, o muro de Berlim.

O silêncio

Caracteristicamente, o Socialismo na RDA se apresentava com linhas de pensamento voltado para o Socialismo soviético: garantia de trabalho a todos, educação gratuita, assistência médico-hospitalar, etc. O Estado também controlava a produção literária e artística, os meios de comunicação e os movimentos populares. Neste sentido, o "Stasi" (Staatssicherheitsdienst) atuava como órgão de censura e pré-censura de toda escrita na RDA. Assim, os escritores deveriam se adaptar às normas estabelecidas pelo sistema. Esse implantara para toda produção literária o "realismo socialista", movimento literário que estabelecia a fidelidade ao sistema ao qual todos os escritores da RDA deveriam aderir para que suas obras fossem publicadas.

Muitos escritores, porém, sentiam necessidade de fazer uma Literatura que criticasse o sistema. Assim, não poderiam escrever sua crítica explicitamente, porque seriam censurados. Precisavam, por isso, escrever suas obras nas quais ao mesmo tempo em que houvesse fidelidade, também deveria haver críticas ao sistema. Isso se tornou uma tarefa árdua para os escritores, sendo que para isso tiveram que criar meios de burlar a censura, de não silenciar. Neste sentido, faz-se necessário esclarecer alguns aspectos do silêncio.

Para Eni Pulcinelli Orlandi, em seu livro *As formas do silêncio* (1993), o silêncio não é transparente, visível a olho nu. "Ele é tão ambíguo quanto as palavras, pois se produz em condições específicas que constituem seu modo de significar"². Isso quer dizer que o silêncio não aparece de forma explícita. Ele se constrói através de um já-dito, de um discurso que foi produzido e que ficou na memória do leitor.

Deve-se considerar também que "o silêncio não é a ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso"³. Assim, o discurso se sustenta com um já-dito que ficou na memória do interlocutor.

O silêncio tem aspectos culturais, políticos e históricos inscritos em si.

No autoritarismo, não há reversibilidade possível no discurso, isto é, o sujeito não pode ocupar diferentes posições: ele só pode ocupar o "lugar" que lhe é destinado para

² (Orlandi, p.105)

³ (Orlandi, p.105)

*produzir os sentidos que não lhe são proibidos.*⁴

Na obra de Christa Wolf, *Em busca de Christa T.*, o silêncio se estabelece através da escritura de Christa T., que consistia apenas em pequenos rascunhos e fragmentos, e com a escritura da narradora. O escrever nessa obra põe sentido às coisas e à vida de Christa T. Escrever para a narradora não só é uma forma de não esquecer Christa T., mas também é uma forma de resistir ao silêncio. Christa T. sente-se impotente para escrever devido ao sistema e fracassa como escritora.

Referências bibliográficas

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: UNICAMP, 1997.

WOLF, Christa. *Em busca de Christa T.* São Paulo: Art, 1987.

Bibliografia de apoio

Antes e depois do muro. VI Semana de Literatura Alemã Contemporânea – ANAIS – Organizado por Willi Bolle. FFLCH/USP São Paulo, 1994.

MOCELLIN, Renato. *O Nazismo*. São Paulo: FTD, 1998.

SCHILLING, Voltaire. *O Nazismo*. Breve história ilustrada. UFRGS.

TAVARES, A. de Lyra. *Quatro anos na Alemanha Ocupada*. Biblioteca do Exército, 1951.

Site Consultado <http://www.2gm.hpg.com.br/segundaguerra/index.htm>

⁴ (Orlandi, p.81)